



# Uma utopia em crise

Os tempos não estão bons para quem pensa encontrar **um mundo de tranquilidade** e de paz. Creio que é para isso que nascemos e que toda a actividade humana devia ter subjacente os sentimentos morais na vivência de todos os outros comportamentos, nomeadamente os políticos, os económicos e os científicos.

É verdade que nem todos pensam assim mas também é verdade que **o exemplo dos outros** devia ser motivador dos nossos comportamentos. Confesso que, desde pequeno, me interessam, me comovem ou me magoam os actos da espécie humana e, que me lembre, nunca tive a mínima atracção, mesmo infantil, por aqueles que pretendiam impor a sua vontade aos outros. “Nunca exerças o teu poder sobre os outros de maneira que eles fiquem sem poder sobre ti.” De certo modo, este é um dos lemas da minha posição no mundo nesta matéria tão difícil que é viver em comunidade.

**Viver com os outros** é inevitável. Viver sozinho é quase sempre trágico: aqueles que o acaso fez viver sem nenhum contacto humano nem sequer puderam entrar na humanidade e os que, já senhores de si, resolveram **optar pela solidão**, acho que se subtraíram à decisiva prova humana que é a de viver com os outros. Quase todos os problemas humanos vêm daí mas é também aí que devemos procurar as soluções.

Lembro-me que Lanza del Vasto me contou que, quando ainda novo, partiu para a Índia, descrente da Europa infestada pelas guerras, foi viver junto de **um guru** que estava sozinho na montanha. Não aguentou a falta dos outros e foi isso que o levou a partir para o pé do Gandhi, em cuja comunidade viveu durante 12 anos e a conselho de quem regressou à Europa para fundar em França uma comunidade – L’Arche – onde o conheci e acompanhei alguns dias.

A muito custo, com avanços e recuos, a humanidade parece às vezes que caminha para um mundo de paz e fraternidade mas os homens não nos deixam viver assim. Neste momento da história parece mesmo que estamos a viver **um período de regressão**. O sonho da expansão da democracia e da confiança mútua foi quebrado pelo **pavor do terrorismo**. Entrámos outra vez num destino de insegurança mas acho que não devemos desanimar: temos de admitir um recuo numa utopia que nos parece um projecto razoável mas, como disse, estamos numa regressão perante a ideia de “paz perpétua” que sentimos no fundo de nós.

Talvez a paz não seja só a inexistência da guerra ou talvez a guerra não seja só o confronto de dois exércitos que espalham a destruição e a morte. É que a guerra começa nos **comportamentos de cada um**: na maneira como tratamos os que estão ao pé de nós – maridos, mulheres, filhos, pais, empregados, patrões, em resumo, o nosso próximo. ●

**“Nunca exerças o teu poder sobre os outros de maneira que eles fiquem sem poder sobre ti.” De certo modo, este é um dos lemas da minha posição no mundo nesta matéria tão difícil que é viver em comunidade.**